

Revista de Guimarães

Publicação da Sociedade Martins Sarmento

VASOS LUSITANO-ROMANOS DE CORUCHE.

RIBEIRO, Margarida

Ano: 1975 | Número: 85

Como citar este documento:

RIBEIRO, Margarida, Vasos lusitano-romanos de Coruche. *Revista de Guimarães*, 85 Jan.-Dez. 1975, p. 171-184.

Casa de Sarmento
Centro de Estudos do Património
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmento, 51
4800-432 Guimarães

E-mail: geral@csarmento.uminho.pt

URL: www.csarmento.uminho.pt



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

Vasos lusitano-romanos de Coruche

Por MARGARIDA RIBEIRO

*À memória do ilustre Arqueólogo,
Prof. Doutor García y Bellido.*

I

CONDIÇÕES DO ACHADO

Em princípios de Março de 1959, a cerca de 1 300 m da vila de Coruche, no caminho da aldeia da Erra e na margem direita do Rio Sorraia, encontrámos os vasos e os fragmentos de cerâmica que são objecto desta nota.

Entre a propriedade rústica conhecida por «Montinho do Brito», da Família Potier, e os terrenos de outras propriedades designadas por «Monte Velho» e «Catarroeira», de que eram ou são ainda proprietários, respectivamente, os Srs. Pedro Barata e Paulo Ribeiro, situava-se, naquela data, uma enorme extensão de terra de arroz.

Na ocasião em que os trabalhadores *alpercavam* a terra (= destorroar e alisar o solo para a plantação) e *encanteiravam* o terreno (= preparar e bater com as enxadas para fazer e consolidar os muros de vedação de cada canteiro), fomos informados por um dos homens de que se viam ali, numa grande extensão, grande quantidade de fragmentos de cerâmica.

Dirigimo-nos logo que foi possível para o local. Verificámos que, numa área superior a 30 m², o tractor e as enxadas haviam removido para a superfície numerosos fragmentos de cerâmica.

Esta área era ocupada por um canteiro e parte do que lhe estava contíguo, no sentido da margem do rio e junto a esta.

Os fragmentos eram muito pequenos, devido à remoção contínua, provocada pelos trabalhos de lavra profunda e das cavas, que ali se efectuavam desde longa data e durante a cultura do arroz.

Contribuíram para a fragilidade destes fragmentos e operaram o seu consequente dano o facto de a terra permanecer inundada durante vários meses, sob a acção de adubos químicos, e o facto de a lama do fundo sofrer pressões e deslocações, na ocasião em que os ranchos de mulheres procedem à plantação e às mondas (1).

A contiguidade do rio torna os terrenos adjacentes muito húmidos e lamacentos, como é o caso dos canteiros referidos.

Com autorização do capataz, Sr. Augusto Jorge, o fundo dos canteiros foi atentamente pesquisado, enquanto durou o repouso dos trabalhadores.

Servimo-nos de uma sonda improvisada de um ramo de choupo. Fizemo-la deslizar suavemente no fundo, a fim de levantar pedaços cujos bicos afloravam à superfície, ou localizar, eventualmente, a presença de outros de maiores dimensões.

(1) Não estudámos estes materiais na monografia de Coruche, em virtude de tal estudo se encontrar já na tipografia. Devido, também, à urgência do Sr. Dr. Prates Ribeiro, no final do seu mandato como presidente da Câmara Municipal de Coruche, esta monografia está incompleta. Faltou-nos demarcar a zona arqueológica do concelho, como havíamos idealizado e fizemos quando tratámos da aldeia da Glória e de Cerzedelo, e desenvolver outros aspectos.

Além da zona paleolítica da Herdade do Cascavel, Coruche apresenta vestígios do paleolítico superior e do neolítico, na área da confluência do Rio Divor com o Sorraia, onde existem os restos de um dólmen.

Como compilámos e verificámos com achados fortuitos, Coruche tem muito documentada a época da romanização (*Ob. cit.* na Bibliografia).

O fundo dos canteiros foi rigorosamente prospectado com os meios ao nosso alcance e durante o tempo concedido, pois o seareiro não se encontrava no local e o capataz não tinha autoridade para, sem prejuízo do patrão, mandar suspender o trabalho.

Além de numerosos fragmentos cortados e rolados, encontrámos metade do bocal de um vaso conservando a parte da inserção e nascimento da asa, um grande fragmento do fundo raso de um recipiente de proporções avantajadas, uma asa e resto de outras, um peso de barro de tipo comum e cinco vasos.

Dos numerosos pequenos fragmentos de paredes finas que examinámos à lupa, nada observámos que pudesse certificar-nos de estarmos em presença de *terra sigillata*.

Os canteiros ofereciam vários níveis. Das bordaduras ou muros de vedação, naqueles em que se fizeram os achados, até à superfície interior, havia uma depressão de 35 a 60 cm.

Introduzimos as mãos e contornámos toda a lama que rodeava cada vaso. Transportámo-los dentro de sacos de linhagem e conservámo-los em casa, em lugar onde a lama secasse lentamente, obviando assim à destruição dos materiais.

Fomos limpando a lama seca com um pincel.

Um dos vasos mais danificados e fragmentos de outro foram protegidos com algodão e conservados em caixas.

O restauro e consolidação são obra do Laboratório do Centro Piloto de Arqueologia, de que é responsável a Dr.^a Seomara da Veiga Ferreira.

As remexidas provocadas pela laboração agrícola intensiva não possibilitaram o estudo dos fragmentos e dos vasos intactos e recuperados num contexto estratigráfico. Foi seguido, portanto, um critério tipológico.

Embora o espólio não constitua novidade, o seu estudo e arquivo assume importância para o conhecimento da região de Coruche e do Vale do Sorraia, onde a civilização romana se vai revelando sob a forma de núcleos agrícolas.

II

DESCRIÇÃO

1. — *Peso de barro*

Tem forma trapezóide. Possui um orifício na parte superior, obtido com instrumento aguçado, pois os diâmetros não coincidem (8,5 mm e 6,5 mm).

A pasta é dura, corada e compacta. A inclinação do plano lateral esquerdo sugere ter a peça sido demarcada por corte e feita em série.

Apresenta pequeníssimas fracturas na face anterior, vestígios de fogo e de atrito com instrumentos contundentes.

Dimensões

Alt.	110 mm.
Bases	76 mm e 60 mm.
Esp.	35 mm.

2 — *Fragmento de fundo raso com parede do bojo*

A pasta é rosada e compacta, de grão muito fino.

O segmento de arco do fundo pertence a um círculo de 15 cm de raio. Estamos portanto em presença de restos de um vaso de grandes proporções.

A parede insere-se no fundo formando ângulo obtuso. O fundo salienta-se com um rebordo convexo de protecção. A parede é mais espessa junto ao nascimento, adelgaçando ligeiramente para cima. Verifica-se aqui a mesma técnica das grandes formas da olaria alentejana dos nossos dias. A espessura do fundo é também idêntica à que é usada nos grandes potes de Campo Maior e da aldeia de Corval (Reguengos de Monsaraz).

O fragmento apresenta vestígios de submersão. O toque com bicos de enxada é nítido.

Dimensões:

Comp. máx.	219 mm.
Alt. máx.	94 mm.
Esp. do fundo	18 mm e 21 mm.
Esp. da parede	27 mm., 19 mm. e 16 mm

3 — *Fragmento de vaso* (Fig. 1)

A pasta rosada de grão miúdo e uniforme denota cuidado na selecção do barro e respectivos lotes. É pulveréa e mal cozida.

A parede é ligeiramente convexa. O rebordo, superiormente, é arqueado. É bastante pronunciado e abatido para o exterior. O arqueado superior lembra o recortado das formas de bocal lobado.

Em toda a superfície exterior do fragmento há vestígios de três bandas pintadas. Notamos: rebordo avermelhado, banda de cerca de 16 mm castanho-avermelhado, banda cinzenta na base do caco.

A superfície interior mostra um engobe rosado em toda a extensão.

O fragmento sugere o uso da «roda» de oleiro. O alisamento é perfeito. Não se infere de uma irregularidade observada no interior o emprego da técnica de rolos de pasta, a despeito da utilização simultânea da «roda», como se verifica na olaria das regiões onde sobrevive a «roda» da Idade do Ferro da Península, e do polimento posterior com um seixo (2).

O perfil do fragmento mostra a superfície arqueada do bordo, abatido para o exterior, a superfície levemente convexa da parede e a respectiva espessura, adelgaçando para a base. Duas fracturas orientadas em sentidos opostos impedem a observação rigorosa da espessura terminal do fragmento.

As características que apresenta sugerem estarmos em presença de restos de um vaso de fabricação indígena.

(2) MR, 1962.

Dimensões

Comp. máx.	82 mm.
Alts.	81 mm, 73 mm e 72 mm.
Esp.	18 mm, 8,5 mm e 7 mm.

4 — *Fragmento com o resto de asa* (Fig. 2)

O barro é corado, compacto e bem cozido.

O fragmento, ligeiramente convexo, tem forma romboíde, alongada. Possui mais de metade da asa original, segundo se deduz do arco que a mesma descreve. É constituída por dois rolos ou cordões independentes, sendo portanto um tipo de asa muito vulgar na olaria lusitano-romana. Resta a parte que se insere no corpo do vaso, formando uma junção cónica e espessa.

A parede mantém uma espessura quase uniforme. Embora o exterior esteja muito alisado, são visíveis os acrescentamentos sucessivos pela técnica do rolo. No interior, são mais nítidas as linhas que separam cada adição. Tais linhas coincidem com as do exterior. O vaso foi executado parcelarmente, segundo a técnica do rolo de pasta, como já referimos, por sucessivos acrescentamentos, sendo depois muito bem alisado. Na modelação à «roda» e exclusivamente manual, o sinal dos dedos para comprimir, alargar ou amparar a pasta não é tão regular e equidistante, nem coincidente com os mesmos vestígios do interior.

O fragmento conserva vestígios de terra vegetal.

Dimensões

Diagonais	144 mm e 103 mm.
Esp.	9 mm e 10 mm.
Alt. máx. da asa	91 mm.
Larg. da asa	31 mm.

5 — *Asa anelar* (Fig. 2)

A pasta é corada, compacta e bem cozida.

A asa foi obtida de um rolo espesso. A linha exterior descreve um *D* imperfeito: recto na parte superior e

XV — A DUREZA DO VIME

A freguesia de Valadares, vista da estrada que vai para S. João da Serra, parece ficar já no fundo do vale, mas de facto fica ainda a menos de meia encosta da direita ingreme, e, de lá ao Vouga, gasta-se uma boa meia hora de caminho.

Fui ontem passar a Valadares. Havia uma festazinha simpática na pequena Igreja parochial, tão fresca, de cores tão suaves e harmoniosas, com suas lindas imagens de uma escultura ingenua e primitiva. Almocei em casa do Sr. Vasconcelos, e que bem me soube a vitela assada no espeto!

O Sr. Vasconcelos, 73 anos ríios e salutarés, é um amigo insinuante e atável. Tipo franco do beirão hospitaleiro, gosta que se sentem à sua mesa e lhe bebam do seu vinho. Homem observador, que viu mundo, tem uma conversa interessante e, a propósito de qual-quer assunto, intercala a sua anedota, o seu dito, o seu comentário justo e experiente.

No eido fronteiro à sua pequenina vivenda rústica, avistei uma dorna, ostentando ainda arcos de madeira presos com enleias de vime. Há mais de 60 ou 70 anos, se não estou em erro, que o arco de ferro substituiu, nas vasilhas para vinho, o arco de madeira.

Chamando a atenção do Sr. Vasconcelos para aquella velharia, logo ele me fez a apoloogia das excenleias do arco de castanhêiro ou loureiro, atado com ferro, em poucos anos, enterruja, estala, rebenta. — «Mas o vime oferece a segurança precisa? pergunta-lhe eu. Não deixa desatar os arcos?» E o Sr. Vasconcelos, surpreendido da minha infinita ignorância de homem da cidade: «Seguro?! Segurissimo e forte que é o vime! Eu lhe conto, a propósito: — Era de uma vez...»

curvilíneo na parte lateral e na inferior. Conserva os vestígios do trabalho de adaptação ao vaso e sinais dos dedos do oleiro. O orifício central é elíptico.

Restos de lodo seco e de terra testemunham a sua proveniência.

Dimensões

Alt. máx.	67 mm.
Larg. máx.	50 mm.
Esp.	25 mm. e 17 mm.
Diags. do orifício	30 mm. × 25 mm.

6 — *Prato de terra sigillata clara A* (Fig. 3)

Barro pesado, corado, de núcleo muito uniforme. O engobe vermelho vivo desapareceu, quase totalmente, devido à acção da água e dos adubos químicos. Os vestígios mais nítidos observam-se junto ao vértice do ângulo exterior da parede.

A parede forma ângulo obtuso. O bordo é arredondado, denotando tratamento com trapo molhado. O fundo interior é côncavo.

O pé, de espessura irregular e muito baixo, não tem forma definida. Sofreu vários esmagamentos que o deformaram, antes da aplicação do engobe e da cozedura.

Conserva testemunhos do meio de onde foi retirado.

Tem paralelo no prato da Sepultura 1 da necrópole de Valdoca (Aljustrel), podendo datar-se do século I⁽³⁾.

Dimensões

Alt.	39 mm.
Diâmetro	149 mm.
Esp.	4 mm.
Diâmetro do pé	64 mm.

⁽³⁾ JA e AMA, 1966, p. 8, Est. I, fig. 2.

7 — *Cântaro* (Fig. 4)

Barro corado, leve, fino e de contextura uniforme. A peça é delicada e de paredes delgadas.

Bojo ovóide com uma canelura paralela ao bordo, passando em todo o contorno sob a inserção inferior das asas.

O bordo fino e saliente parece ter sido demarcado, na parte superior, por compressão de um trapo húmido, enquanto o oleiro conservou o indicador encostado ao vaso. A depressão que possui na parte inferior justifica este tratamento, à semelhança do que hoje se pratica.

O fundo é ligeiramente côncavo e o pé destaca-se da linha curva do bojo, caindo na vertical.

As asas de fita, ligeiramente remontadas acima do bordo, apresentam duas caneluras longitudinais. A implantação é perfeitíssima.

O cântaro está muito corroído. Foi restaurado com gesso — uma das asas, da qual só existiam vestígios, e a parte inferior do bojo que imediatamente se segue à asa reconstituída. Pequenas fracturas do bordo foram igualmente tratadas.

Conserva restos de lodo e de terra.

Tem paralelo mais próximo no cântaro da Sepultura 101 da necrópole de Valdoca (Aljustrel), datando, presumivelmente, da época de Trajano (4).

Dimensões

Alt.	82 mm.
Diâmetro máx. do bordo	76 mm.
Diâmetro máx. do bojo	81 mm.
Diâmetro do pé	41 mm.
Esp. aprox.	3,5 a 4 mm.

8 — *Pote* (Fig. 5)

Barro vermelho-acastanhado, compacto e bem cozido.

O bojo ovóide apresenta uma canelura pouco encurvada em todo o contorno, embora bem saliente no inte

(4) JA e AMA, *ibid.*, p. 33, Est. VIII, fig. 1.

rior do vaso. Passa sob a ligação inferior das asas. Sob a canelura nota-se uma leve carena.

O bordo saliente e alpendrado adelgaça na extremidade periférica. Foi empregada a técnica do vaso anterior na execução e acabamento deste pormenor.

O fundo, ligeiramente côncavo, assenta num pé muito curto e recto.

As asas de fita inserem-se sob o bordo e abaixo da canelura do bojo. São idênticas às do vaso anterior. Possuem duas caneluras longitudinais, o que dá a ilusão de serem constituídas por três cordões.

O pote, exteriormente, está muito corroído e apresenta na parte superior do bojo e na periferia do bordo vestígios de ter sido raspado e picado com instrumento cortante. Está melhor conservado no interior. Foi reconstituído com gesso — uma asa, de que só existiam os restos da implantação superior, e uma pequena porção do bordo.

Conserva restos de terra vegetal.

O vaso descrito parece-nos de difícil datação. A técnica e certas características comuns sugerem ser obra da mesma oficina do vaso anterior.

Aproxima-se, na forma ovóide e na canelura larga, do pote da Sepultura 247 da necrópole de Valdoca (Aljustrel). A título teórico, propomos a cronologia da mesma sepultura, em virtude de conter um espólio variado⁽⁵⁾. O século I é também a época em que situámos os vasos já descritos (Figs. 3 e 4).

Dimensões

Alt.	141 mm.
Diâmetro máx. do bordo	125 mm.
Diâmetro máx. do bojo	159 mm.
Diâmetro do pé	59 mm.
Esp. aprox.	2,5 mm e 3,5 mm.

(5) JA e AMA, *ibid.*, p. 66, Est. XVIII, fig. 1.

9 — *Panela* (Fig. 6)

Barro amarelado, compacto, de textura fina. Está muito friável.

Bojo de perfil ovóide, com estria paralela ao bordo, aberta na «roda» com instrumento pontegudo de madeira. Apresenta pronunciada carena.

O bordo foi puxado de modo a formar plano inclinado e demarcar ângulo obtuso com a parede.

Não possui pé. O fundo, por se encontrar muito destruído, não pode ser classificado com segurança.

É o vaso mais destruído da colecção. O bojo apresenta sinais de ter sido raspado e rolado. O bordo mostra idênticos sinais e pequenas fracturas.

Foi reconstituído com gesso.

Tem paralelo aproximado no pote da Sepultura 28 da necrópole de Valdoca (Aljustrel) (6). Propomos a datação, que atribuímos ao prato de *terra sigillata* clara A, do século I, em virtude de se encontrar muito próximo da panela descrita, embora retirado de maior profundidade. O terreno remexido invalida qualquer hipótese de pressuposta estratigrafia.

Dimensões

Alt.	87,5 mm.
Diâmetro máx. do bordo	87,mm.
Diâmetro máx. do bojo	116 mm.
Diâmetro do fundo	66 mm.
Esp. máx.	6 mm.

10 — *Jarro* (Figs. 7 e 8)

Barro vermelho-acastanhado com grão de areia, bem cozido, pesado e de textura muito uniforme.

Bojo ovóide de paredes espessas com estrangulamento bem delineado.

Boca trilobada com bordos rasos e de inclinação orientada para o interior e exterior, respectivamente nos lobos laterais e terminal.

Fundo raso com vestígios de desgaste pelo uso.

(6) JA e AMA, *ibid.*, p. 20, Est. IV, fig. 1.

Asa de fita, nascendo no bocal e inserindo-se volumosamente no começo do estrangulamento do bojo.

Confirma-se o emprego da técnica do acrescentamento com rolos de pasta e o alisamento da superfície feito em diversos sentidos e, neste caso, com instrumento de madeira. A técnica é visível, especialmente no interior. O alisamento, ali, não foi perfeito, devido ao aperto superior do jarro. Foi realizada na boca e tentada mais no interior. A aresta do instrumento golpeou a pasta, deixando a marca da operação. A saliência interior dos vários rolos tornou-se mais perceptível por motivo de ser uma zona friável e o tempo ter ali produzido pequenas fracturas e desgastado essa zona de junção (Fig. 8).

O vaso apresenta vestígios de fogo, várias pequenas fracturas e restos de terra vegetal.

Trata-se de uma forma que persistiu e se encontra muito representada na olaria medieval. É possível, porém, que seja da época de Trajano, época em que se produziram formas e variantes que não eram bem conhecidas na Península. Tal é o caso do prato de *sigillata* clara A, de tipo 3a, segundo a classificação de Jorge de Alarcão e de Adília Moutinho de Alarcão (7).

A peça aproxima-se, contudo, do jarro trilobado, provido de goliha, da Sepultura 161 do cemitério romano de Valdoca (Aljustrel) (8).

A ausência de goliha e a inserção da asa no prolongamento do plano do bordo sugerem uma provável variação ou interpretação regional da forma de que foi aproximado o nosso jarro, à semelhança do que ocorre na olaria portuguesa dos nossos dias.

Dimensões

Alt.	165 mm.
Diâmetro máx. do bojo	119 mm.
Esp. da parede	6,5 mm.
Diâmetro do fundo	72 mm.
Alt. máx. ext. da asa	101 mm.
Larg. da asa	22 mm.
Esp. da asa	11 mm.

(7) JA e AMA, *ibid.*, p. 20.

(8) JA e AMA, *ibid.*, p. 51, Est. XIII, fig. 2.

III

CONCLUSÕES

Verificámos que o conjunto apresenta peças de duas épocas distintas:

- a) Um fragmento de vaso pintado, pré-romano, de produção indígena, conhecido sob a designação de «panela de bandas» (n.º 3, fig. 1), típico dos povoados lusitanos e cuja descoberta em Santa Olaia e primeiros estudos se devem a A. dos Santos Rocha (9).
- b) Fragmentos, objecto e vasos da época lusitano-romana, de técnicas diferentes.

Destes fragmentos, objecto e vasos, datados, estes, por analogia, do século I, distinguem-se um peso feito em série, um fragmento de vaso de grandes dimensões (n.º 2), um fragmento com resto de asa de proporções avantajadas (n.º 4, fig. 2), um prato de *terra sigillata* (n.º 6, fig. 3), três vasos de paredes pouco espessas e de pasta e contextura semelhantes (n.º 7, 8 e 9, figs. 4, 5 e 6), e um jarro de pasta grosseira (n.º 10. figs. 7 e 8).

Tecnicamente, observámos:

- a) Emprego de vários tipos de pasta — grosseira, menos grosseira, apurada e mais apurada;
- b) Modelação manual com emprego da «roda»; processo de acrescentamento sucessivo com rolos de pasta e alisamento posterior;
- c) Aplicação de engobe ou cobertura com barro seleccionado e fino, rico em sílica ou em silício, coado e decantado várias vezes, antes de assen-

(9) ASR, 1896, pp. 226-228.

tar, a fim de, por conhecimento experimental do arejamento, se enriquecer de oxigénio e favorecer-se assim a combinação deste com o silício e tornar o engobe mais gomoso.

Da aplicação das técnicas indicadas resultou:

- a) Produção de vasos de paredes pouco espessas e, conseqüentemente, mais delicados;
- b) Um vaso de pasta grosseira e de paredes espessas;
- c) Um prato de *terra sigillata*, sem vestígios de marca.

Quanto à qualificação específica e natureza da ocupação romana, não é possível chegar a conclusões categóricas e definitivas, dado o exíguo espólio de que dispomos.

Excluindo os fragmentos cuja inclusão implicaria pressupostas classificações de formas e fins, os vasos descritos apresentam a tipologia dos recipientes característicos de sepulturas, particularmente de incineração.

A localização dos achados induz a pensar numa transgreção das águas do rio, devido ao assoreamento, ou ao desvio artificial e recente daquelas para efeitos da cultura do arroz.

Naquele local existiram, como parece, uma provável necrópole do período lusitano-romano e, muito próximo, uma presumível *villa rustica*.

Finalmente e ainda com circunspeção, aduzimos:

O fragmento único de vaso pré-romano não exclui a hipótese de sobrevivência técnica e conseqüente correlação coetânea, bem expressa também no processo de acrescentamento das paredes de vasos com rolos sucessivos de pasta. Neste aspecto, é muito representativo e interessantíssimo para o conhecimento das técnicas da olaria do período lusitano-romano o vaso reproduzido nas figs. 7 e 8. Este processo é muito arcaico e subsiste como técnica da olaria actual de algumas regiões portuguesas⁽¹⁰⁾.

(10) A síntese deste estudo foi apresentada à sessão de 9 de Janeiro de 1975 da Secção de Arqueologia da Sociedade de Geografia de Lisboa.

BIBLIOGRAFIA

- ASR, 1896: A. dos Santos Rocha, *As louças pintadas do Castro de Santa Olaia*, in «O Arqueólogo Português», vol. II, Lisboa, 1896, pp. 226-228.
- EPV, 1974: Eduardo Prescott Vicente, Gil Estevam Miguéis Andrade e Vítor Manuel Rodrigues Dias, *Uma jazida pré-histórica no Vale do Sorraia*, sep. das «Actas do III Congresso Nacional de Arqueologia», Porto, 1974.
- JA e AMA, 1966: Jorge de Alarcão e Adília Moutinho de Alarcão, *O espólio da necrópole luso-romana de Valdoca (Aljustrel)*, in «Conimbriga», vol. V, Universidade de Coimbra, 1966, pp. 7-104, il. ext.
- MR, 1959: Margarida Ribeiro, *Estudo Histórico de Coruche*, Lisboa, 1959, 317 pp. il.
- MR, 1962: Margarida Ribeiro, *Contribuição para o estudo da cerâmica popular portuguesa*, in «Revista de Guimarães», 3-4, vol. LXXII, Guimarães, 1962, pp. 392-416, il. ext. + 1 mapa.
- MR, 1972: Margarida Ribeiro, *Cerzedelo e a sua Festa das Cruzes. Elementos para o seu estudo*, Lisboa, 1972, 197 pp., il.
- VC, 1897: Visconde de Coruche, *Objectos romanos achados em Coruche*, in «O Arqueólogo Português», vol. III, Lisboa, 1897, pp. 65-66.
- Carta n.º 24 do Instituto Geográfico, de 1868.*

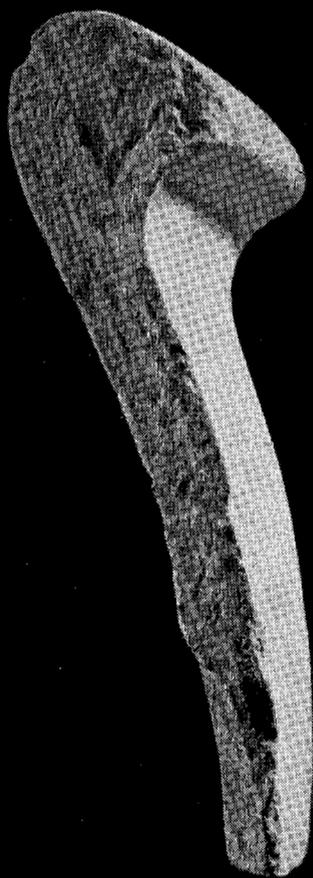


Fig. 1 — *Fragmento com vestígios de bandas pintadas.*

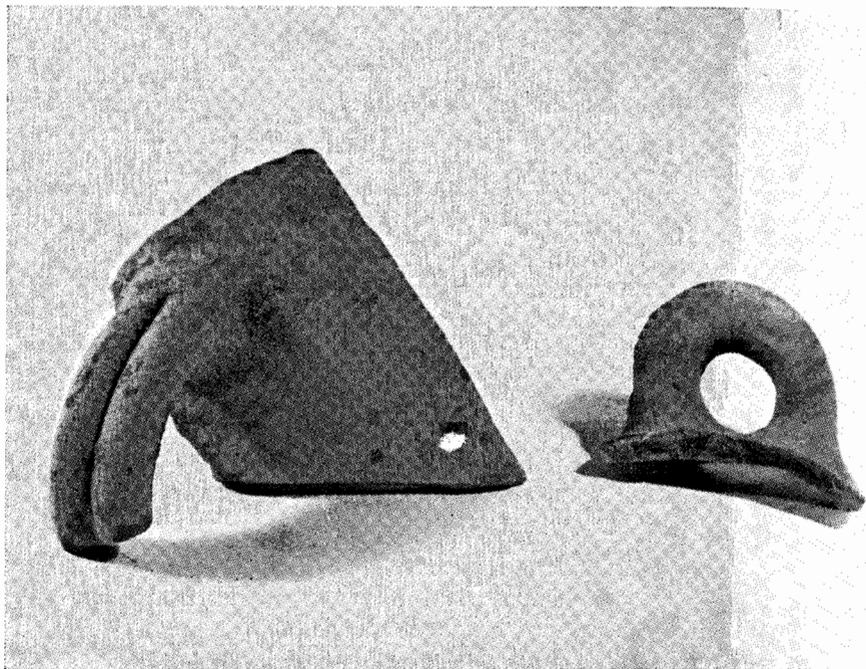


Fig. 2— *Fragmentos com resto de asa e asa anelar.*



Fig. 3 — *Prato de terra sigillata clara A.*



Fig. 4— *Cántaro de paredes delgadas.*



Fig. — 5 *Pote com asas de caneluras longitudinais.*

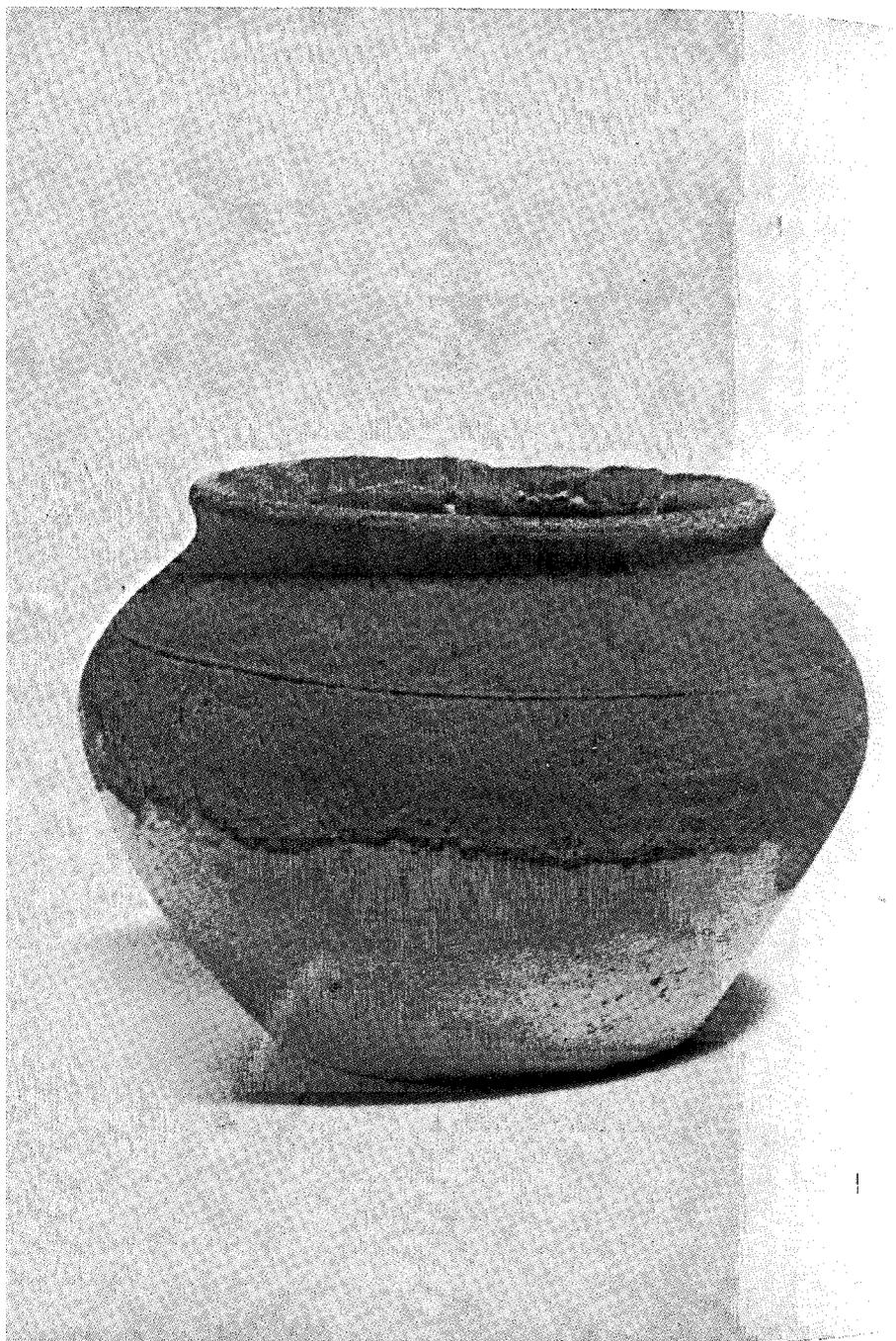


Fig. 6 — *Panela com estria paralela ao bordo.*



Fig. 7 — *Jarro trilo.*

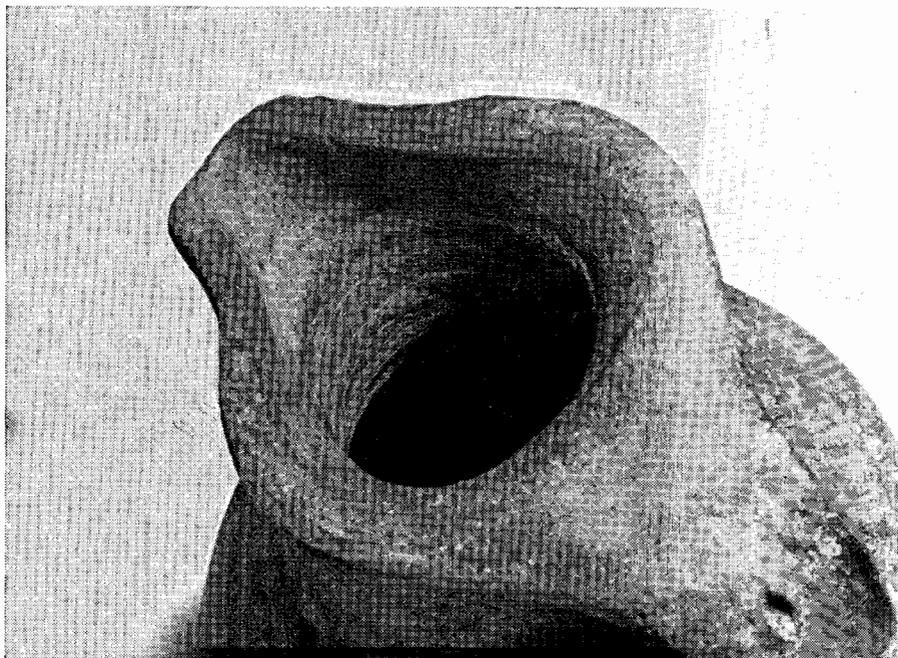


Fig. 8 — *Pormenor do jarro trilobado mostrando a técnica de acrescentamento com rolos sucessivos de pasta.*